

Workshop

Perspectivas teórico-metodológicas de abordagem da cultura visual urbana e popular

17 de Novembro de 2011

15.00 – 18.00

ISCAP, sala de leitura informal da Biblioteca

**Centro de Estudos Interculturais (CEI) do ISCAP, Instituto Politécnico do Porto
&
Laboratório de Antropologia Visual do CEMRI da Universidade Aberta**

Apresentação

Este *workshop* integra-se no (e precede o) Colóquio “Cultura Visual Urbana e Expressões de Arte Popular”, organizado pelo Centro de Estudos Interculturais (CEI) do ISCAP, Instituto Politécnico do Porto, e pelo Laboratório de Antropologia Visual do Centro de Estudos das Migrações e Relações Interculturais (CEMRI) da Universidade Aberta.

Tal iniciativa justifica-se pela crescente atenção prestada por investigadores e académicos de distintas áreas disciplinares à riqueza simbólica presente na paisagem citadina. Nela encontramos graffiti, pichagens políticas e desportivas, painéis publicitários e propaganda política, expressões de arte popular nos mais diversos suportes, irrupções do virtual/digital, arte pública oficial e alternativa, entre muitas outras manifestações visuais. Estes são fenómenos que podemos claramente incluir na categoria de expressões da Cultura Visual, um conceito originário dos estudos artísticos, recentemente introduzido no léxico das ciências sociais. Daí que se exija todo um esforço de clarificação conceptual, dirigido a quem pretende desenvolver uma investigação sobre as questões relativas à visualidade humana e à produção e consumo de imagens em meio urbano e popular. Pretende-se, então, com este *workshop* debater os pressupostos teóricos e metodológicos de abordagem à Cultura Visual Urbana e Popular.

Esta actividade destina-se, preferencialmente, a estudantes de pós-graduação em disciplinas como Sociologia, Antropologia, Estudos Culturais, Estudos Artísticos, Arquitectura, Semiótica, Comunicação, Línguas e Culturas, etc. O *workshop* é gratuito, embora a realização do mesmo esteja dependente do número de inscrições. Para tal, solicitamos que os interessados enviem a sua ficha de inscrição devidamente preenchida, até ao dia 17 de Outubro de 2011, para o email:

rcampos@univ-ab.pt

Organizadores:

Ricardo Campos (CEMRI-UAb)

Clara Sarmiento (CEI-ISCAP)

PLANO DE TRABALHO

1ª parte – Fundamentos Teóricos (15.00 – 15.50)

1. Introdução: Cidade e Espaço público

Cidade: espaço de cultura e multiculturalidade

Espaço público urbano: lugar de conflitos e negociações simbólicas

Espaço Público como lugar de comunicação (visual)

2. Definições de “Cultura”

Noção de cultura, cultura popular, cultura de massas e folclore: evolução dos conceitos; relação cultura/poder; conceitos de cultura utilizados neste trabalho.

3. “Cultura” e “Visualidade”

Definições de imagem, visão e visualidade; a noção de Cultura Visual (conceito e área de investigação); Cultura Visual em meio urbano

2ª parte – Estudos de Caso (16.00 – 17.15)

I. Práticas, Discursos e Representações da Cultura Popular Portuguesa: os barcos moliceiros da Ria de Aveiro

1. Exploração do CD-Rom:

a) categorias e organização das imagens;

b) a base de dados de registos de embarcações.

2. A listagem de transcrições de imagens/legendas.

3. Metodologias:

a) Organização.

b) As diversas leituras de um objecto: histórica, económica, etnográfica, semiótica, social, política, ideológica.

4. Fontes, arquivos, colecções e bibliografia disponíveis.

5. Apresentação do capítulo “Iconografia e Mensagem Escrita”.

II. Graffiti enquanto forma de comunicação visual na cidade

Etnografia enquanto ferramenta de investigação

Etnografia e Métodos Visuais

Apresentação de imagens fotográficas (debate em torno das funções da imagem fotográfica em pesquisa social)

3ª parte – Apresentação de Projectos dos Participantes e Discussão (17.15 – 18.00)

COLÓQUIO

CULTURA VISUAL URBANA E EXPRESSÕES DE ARTE POPULAR

**Centro de Estudos Interculturais (CEI) do ISCAP, Instituto Politécnico do Porto
&
Laboratório de Antropologia Visual do CEMRI da Universidade Aberta**

**18 de Novembro de 2011
ISCAP, sala de leitura informal da Biblioteca**

Apresentação

Pretende-se com este seminário multidisciplinar reunir investigadores de distintas áreas científicas com trabalho de investigação desenvolvido em torno do uso social do espaço público urbano, nomeadamente, enquanto dispositivo de comunicação de natureza visual. Sendo a cidade um território denso de significados, apresentando-se como uma verdadeira *linguagem* nas palavras do célebre semiólogo Roland Barthes, interessa-nos questionar as distintas formas através das quais os indivíduos e grupos sociais se apropriam dos recursos do quotidiano para se manifestarem na metrópole. Neste contexto, o espaço público urbano tem sido estudado como um território disputado, fonte de negociações e conflitos entre distintos actores sociais e instituições. Tal não invalida que este também seja, reiteradamente, descrito como um espaço de diálogo verdadeiramente democrático. Este facto explica que, historicamente, este seja apropriado por aqueles que, à margem dos poderes instituídos, usam formas criativas, transgressivas ou marginais, de conquista de um campo de visibilidade. A cidade é, por isso, um repositório de expressões populares de natureza mais ou menos efémera. O graffiti, a arte urbana, as pichagens políticas e as declarações de amor, os painéis pintados dos barcos moliceiros, a imagética do turismo e da publicidade, o mundo virtual/visual são, entre muitos outros exemplos, manifestações que se inscrevem nestas elocuições populares. Algumas destas manifestações têm sido estudadas pelas suas qualidades estéticas, despertando, inevitavelmente a uma série de interrogações sobre o papel simbólico, político e cultural, destas linguagens que emergem à margem do poder e das convenções da arte oficial.

Propomos aos participantes nesta iniciativa um debate em torno dos pressupostos teóricos e metodológicos de pesquisa sobre a cultura visual urbana, a partir de estudos empíricos ou reflexões inovadoras. Em particular, gostaríamos de contribuir para a troca de conhecimentos e experiências em torno das seguintes temáticas:

- Espaço público como terreno de comunicação;
- Conflitos e negociações sobre o uso do espaço público cidadão;
- Estética e política das artes populares urbanas;
- Linguagens visuais urbanas;
- Marginalidade, estigma e arte urbana;
- Relação entre arte oficial e arte popular;
- Artes populares urbanas e interculturalidade.

PROGRAMA

Sessão de Abertura 10.00 – 11.30 Conferências

Ricardo Campos (CEMRI, UAb) – “Como definir cultura visual urbana?”

Clara Sarmiento (CEI, ISCAP) – “O barco moliceiro da Ria de Aveiro: encenação de uma tradição”

Sandra Ribeiro (CEI, ISCAP) – “*Digital storytelling*: esboços de uma identidade”

11.30 – 13.00 Conferências

Cláudia Álvares (Univ. Lusófona) – “O Espaço Público Português como Capital Simbólico: um *branding* coletivo”

Sandra Marques (CRIA, ISCTE, IUL) – “Deusas e mulheres: imagens divinas na cultura visual urbana da Índia bengali”

Ana Gonçalves (Esc. Sup. Hotelaria e Turismo do Estoril) – “Cardiff, uma cidade multi-étnica: fotografia, memória e identidade”

13.00 – 14.00

Pausa para almoço

14.00 – 15.30 Conferências

Cristina Novo (Lab. Multimédia, Teatro da Trindade) – “Popular ID: Identidade visual popular portuguesa em remediação hipermédia”

Lígia Ferro (CIES, ISCTE, IUL) – “Práticas de rua e cultura visual urbana: o graffiti e o parkour em distintos contextos”

Vanessa Besand (Centre Pluridisciplinaire Textes et Cultures, Univ. Bourgogne) – “Héritage de la culture visuelle urbaine dans la peinture américaine des années 80: graffiti et art muséal”

15.30 – 16.00

Pausa para café

16.00 – 17.30 Conferências

Alain Chenevez (Cimeos, Univ. Bourgogne) – “Le patrimoine et l’art contemporain comme outils politiques de qualification des territoires urbains”

Pedro Andrade (CECL, FCSH) – “Artes públicas, legitimidades e marginalidades: modos e modas de intervenção no espaço urbano”

Sílvia Câmara (Património Cultural da CML) – “Breves notas para uma metodologia de inventariação em arte urbana”

17.30 – 18.00 Discussão e Conclusões Sessão de Encerramento

RESUMOS & NOTAS BIOGRÁFICAS

Ricardo Campos (CEMRI, UAb) "Como definir cultura visual urbana?"

O propósito desta comunicação é debater o conceito de cultura visual no contexto dos estudos urbanos e, nomeadamente, de uma sociologia da comunicação visual urbana. O conceito de cultura visual é, ainda, escassamente operacionalizado na pesquisa em ciências sociais. A natureza complexa e transdisciplinar do mesmo pode explicar tal condição. Este surge em diferentes âmbitos disciplinares (estudos culturais, ciências da comunicação, arquitectura, artes visuais, sociologia, antropologia, psicologia, etc.), a propósito de temáticas que giram em torno do olhar, da visualidade humana, da produção e consumo pictóricos ou da comunicação (áudio)visual. Ora se entendermos que a cidade é um ecossistema comunicacional fortemente marcado por estímulos e códigos de natureza visual (graffiti, sinais de trânsito, outdoors publicitários, cartazes políticos, mobiliário urbano, etc.) julgo que fará todo o sentido pensarmos numa cultura visual urbana como algo de específico. Aquilo que propomos, é por isso, um quadro teórico-metodológico de abordagem a diferentes realidades empíricas que se situam no âmbito deste universo de pesquisa urbana.

Ricardo Campos é licenciado e mestre em Sociologia, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (Universidade Nova de Lisboa). Doutorou-se em Antropologia Visual na Universidade Aberta e foi investigador de pós-doutoramento no CRIA - Centro em Rede de Investigação em Antropologia. Actualmente é investigador do Laboratório de Antropologia Visual do CEMRI – Centro de Estudos das Migrações e Relações Interculturais, da Universidade Aberta. É membro do grupo de pesquisa internacional On Walls. As suas principais áreas de investigação têm sido a educação, culturas juvenis, metodologias visuais e tecnologias digitais. Tem diversos artigos e capítulos de livros escritos sobre estas temáticas. É autor do livro *Porque pintamos a cidade? Uma abordagem etnográfica ao graffiti urbano* (Fim de Século, 2010) e co-organizador do livro *Uma cidade de imagens. Produção e consumo visual em meio urbano* (Mundos Sociais, 2011 – no prelo).

Clara Sarmiento (CEI, ISCAP) "O barco moliceiro da Ria de Aveiro: encenação de uma tradição"

"O Barco Moliceiro da Ria de Aveiro: Encenação de uma Tradição" estuda um objecto – o barco moliceiro da Ria de Aveiro – e o discurso por ele evocado, enquanto representação, invenção e re-invenção da cultura popular de uma região portuguesa. Contudo, esta comunicação pretende também ver através do objecto, isto é, "atravessar a [sua] opacidade inoportuna", tal como propõe Michel Foucault em *A Arqueologia do Saber*.

O barco moliceiro da Ria de Aveiro, mais do que um caso de tradição versus modernidade, constitui uma representação da identidade cultural de uma comunidade intimamente ligada ao ecossistema lagunar. Os painéis do barco moliceiro são assim representações simbólicas intersemióticas dos valores, práticas e representações partilhadas pela comunidade local. Os textos icónicos e escritos patentes em cada barco são produto de uma rede de circunstâncias ideológicas, sociais e económicas, dificilmente reconhecidas mesmo por aqueles que desenham, pintam e escrevem (e vivem) sob a sua influência. Ao longo do século XX e já no século XXI, o moliceiro e seus painéis participaram numa complexa dialéctica entre as representações do discurso oficial e dos media e a sua real função social, económica e simbólica, gerando todo um imaginário histórico, todo um "inventário" (cf. Gramsci), que motivou, contextualizou e sustentou esta forma única de arte popular.

Mas, hoje em dia, o moliceiro participa também de uma lucrativa estrutura económica e turística organizada em redor do objecto-barco, que perdeu entretanto quase toda a sua tradicional função social e económica e foi reinventado como símbolo cultural da Ria de Aveiro, reconhecido nacional e internacionalmente, que distingue esta região de outras regiões turísticas rivais. Trata-se aqui de uma metamorfose e não de uma ressurreição do objecto cultural, com novas funções dentro de um novo contexto marcadamente urbano, orientado pelas exigências do sector terciário.

Contudo, os actuais agentes do turismo e da economia de mercado não se podem dissociar do imaginário histórico (ou do "inventário") que motivou, contextualizou e sustentou esta forma de arte popular durante séculos, sob pena de criarem, também em Portugal, os teatros etnográficos e os museus de práticas perdidas em que se transformaram tantas culturas.

Clara Sarmiento é doutorada em Cultura Portuguesa pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Professora Coordenadora no Instituto Politécnico do Porto. Directora do Mestrado em Tradução e Interpretação Especializadas e directora do Centro de Estudos Interculturais (www.iscap.ipp.pt/~cei) do Instituto Politécnico do Porto. Vencedora do "American Club of Lisbon Award for Academic Merit", visiting scholar na Brown University, EUA, e vencedora do Prémio CES, Universidade de Coimbra, para Jovens Cientistas Sociais de Língua Oficial Portuguesa. Autora de numerosos livros, ensaios e conferências em Portugal e no estrangeiro, nas áreas da Literatura e Cultura Anglo-Americana e Portuguesa, Etnografia, Estudos Culturais e Interculturais e Estudos de Género. Destacam-se as publicações: *Moliceiros da Ria de Aveiro: Quadros Flutuantes* (1999); *As Palavras, a Página e o Livro: A Construção Literária na Obra de Paul Auster* (2001); *Rimas Infantis: A Poesia do Recreio* (2001); *Eastwards / Westwards: Which Direction for Gender Studies in the 21st Century* (2007); *Cultura Popular Portuguesa: Práticas, Discursos e Representações* (2008); *Women in the Portuguese Colonial Empire: The Theatre of Shadows* (2008); *Condição Feminina no Império Colonial Português* (2008); *From Here to Diversity: Globalization and Intercultural Dialogues* (2010); *Diálogos Interculturais: Os Novos Rumos da Viagem* (2011).

Sandra Ribeiro (CEI, ISCAP)

"Digital storytelling: esboços de uma identidade"

O quotidiano do Século 21 está saturado de imagens, de tecnologias e práticas visuais. O recurso ao visual pode ser, neste contexto, entendido como uma resposta ao panorama global e intrinsecamente enredado, claramente marcado pela trajectória social, cultural e económica da fluidez, velocidade, saturação, pixelização frenética, e do imediatismo.

O processo de auto-representação recorrendo à técnica de Digital Storytelling proposta por Joe Lambert permite explorar não só a riqueza textual, mas também a voz, a imagem e o som; forças que se cruzam para influenciar a construção de significados e, conseqüentemente, a vida o próprio autor.

Com o intuito de melhor compreender as oportunidades e desafios colocados à auto-representação no contexto visual contemporâneo, propomos explorar a imagem nas histórias digitais criadas por alunos, que procuram esboçar a sua identidade. Abordaremos questões como autoria, produção, divulgação, e as competências necessárias para tal, num quotidiano mudado e em mudança, onde o visual se assume enquanto cenário principal da comunicação na construção e gestão da identidade.

Sandra Ribeiro lecciona no ISCAP, na área de Línguas e Culturas desde 2000. Presentemente é aluna de Doutoramento com Bolsa FCT no Programa Doutoral "Multimedia em Educação" da Universidade de Aveiro, onde investiga "Digital Storytelling" no Ensino Superior, abordando subtemas como identidade e auto-representação. Integra o Centro de Estudos Interculturais do Instituto Politécnico do Porto, desenvolvendo investigação em narrativas digitais e identidade. Integra igualmente a Unidade de Inovação em Educação do mesmo Instituto. Tem apresentado inúmeras comunicações em eventos nacionais e internacionais, como por exemplo ECEL 2010, 4th International Conference on Digital Storytelling and Challenges 2011, entre outros.

Cláudia Álvares (Univ. Lusófona)

"O Espaço Público Português como Capital Simbólico: um branding colectivo"

Em tempos recentes tem-se vindo a debater a distinção entre espaço público e esfera pública, salientando-se que enquanto o primeiro pode constituir um alargamento do espaço de discussão dos cidadãos, não se rege pelo carácter deliberativo dos processos argumentativos da esfera pública deliberativa habermasiana (Papacharissi, 2002). As críticas proferidas pela Escola de Frankfurt à indústria cultural, nomeadamente à influência dos media no declínio da esfera pública ao longo do século XX, fazem sentido apenas na medida em que se pensa o espaço público enquanto albergando a potencialidade para se tornar esfera pública. Efectivamente, Habermas tende a idealizar uma cultura 'grafocêntrica' que privilegia o jornalismo de referência da esfera pública democrática por oposição a uma representação excessivamente negativa da cultura de massa (Kellner, 2000: 275), grande parte da qual centrada na primazia da cultura visual associada ao consumo. O espaço público contemporâneo distancia-se crescentemente da esfera pública, podendo ser descrito como espaço de organização comunitária, baseado na evocação de experiências comuns através da imagética visual de modo a consolidar a partilha de uma identidade colectiva. Da mesma forma que o branding reúne mercadoria e signo, também o design contemporâneo funde mercadoria com espaço (Julier, 2005: 67-8), sendo o

objectivo o de criar um espectáculo com capital simbólico de modo a ser consumido pelas massas. Cada vez mais, a mercantilização dos objectos implica a passagem de um estado pré-visual para um estado estetizado. Ao analisar-se o vídeo 'O que os Finlandeses não sabem sobre Portugal', recentemente apresentado por Carlos Carreiras, presidente da câmara de Cascais, no encerramento das Conferências do Estoril como resposta às dúvidas da Finlândia relativas ao empréstimo por parte da Comissão Europeia a Portugal, focaremos o modo como o espaço público português é construído tendo como pano de fundo 'os seus outros', num contexto em que o visual desempenha um papel de relevo na formação e representação culturais.

Cláudia Álvares is an Associate Professor in Culture and Communication at Lusofona University, Lisbon, Portugal, where she directs the Centre in Applied Communication, Culture and Information Technologies (CICANT) as well as a Masters Programme in Journalism, Politics and Contemporary History. She obtained a Ph.D from Goldsmith's College, University of London, in June 2001, under the British Council Chevening Scholarship and the Portuguese Government/European Union Praxis XXI joint Scholarship. Vice-Chair of the ECREA Gender and Communication section, Alvares is Principal Investigator of four research projects, funded by the European Union, focusing on the relationship between gender and media, the latest of which centres on Female Civic Engagement Online. She is a partner of the UNESCO Chair on Gender Equality and Women's Empowerment, recently established at the University of Cyprus. Amongst her main publications are Humanism after Colonialism (2006), Representing Culture: Essays on Identity, Visuality and Technology (2008), Perspectivas Interdisciplinares da Comunicação (2008), Teorias e Práticas dos Media: Situando o Local no Global (2010) and Gendered Transformations: Theory and Practices on Gender and Media (2010).

Sandra Marques (CRIA, ISCTE, IUL)

"Deusas e mulheres: imagens divinas na cultura visual urbana da Índia bengali"

Na Índia, as imagens pictóricas e esculpidas de figuras divinas fazem parte da cultura visual urbana. São usadas para culto, decoração, marketing e publicidade. Para além dos grandes e inúmeros pequenos templos permanentes e temporários, encontram-se no interior e exterior de casas familiares, estabelecimentos comerciais, mercados de rua, veículos de transporte privados e públicos, murais, fachadas de edifícios, etc. A maioria destas imagens são expressões de arte popular, sendo integradas na organização social e submetidas a rituais de culto regular, com o estabelecimento de relações sensualizadas e humanizadas.

Esta apresentação centrar-se-á nas imagens de algumas divindades femininas hindus omnipresentes em Kolkata (West Bengal, Índia) e no exame das relações que com elas são estabelecidas. Predicados de aparência e personalidade, necessidades e comportamentos que lhes são atribuídos, bem como os cuidados ritualizados a que são submetidas, são aqui analisados enquanto instrumentos de reprodução das referências normativizadoras para a identidade e aparência da mulher bengali.

Sandra Cristina Simões Marques é Doutorada em Antropologia (Social) em 2009, pelo ISCTE-IUL. É investigadora de Antropologia Social em pós-doutoramento no CRIA-IUL (Centro em Rede de Investigação em Antropologia - pólo Instituto Universitário de Lisboa, Portugal) e bolsista da FCT com o projecto individual: «Práticas e Representações do Corpo na Índia Bengali» (orientação: Prof. Brian Juan O'Neill [CRIA/ISCTE-IUL]). Tem investigado na área das representações visuais, identidades, turismo internacional, corpo e relações de poder, com especialização na região de West Bengal, Índia e aplicação de metodologias visuais participativas. Tem divulgado o seu trabalho em diferentes formatos, contando-se entre os mais recentes, «Réplicas Topográficas nas Narrativas de Viagem sobre a Índia», *Etnográfica*, 14(3), «Ocidente e Ocidentais: Representações dos Turistas Internacionais entre Residentes de Kolkata, Índia», *Quaderns-e de l'ICA*, 15(1), «Fabricação de Imagens-Destino: O Impacto dos Estereótipos ao Nível do Turismo». *Revista Turismo & Desenvolvimento* 12, «Imaginando Kolkata: O Turismo Internacional e as Representações de Terceiro Mundo em Photovoice», *Arquivos da Memória*, 5-6(n.s) e o documentário: *Kolkatar Mukh - Faces of Kolkata / Faces de Kolkata* (Co-realização: Fernando Sousa).

Ana Gonçalves (Esc. Sup. Hotelaria e Turismo do Estoril)
“Cardiff, uma cidade multi-étnica: fotografia, memória e identidade”

Cardiff, a capital do País de Gales desde 1955, tornou-se na mais importante metrópole de carvão do mundo em meados do século XIX. A necessidade crescente de mão-de-obra em actividades associadas à extracção e exportação deste minério atraiu a Cardiff um grande número de trabalhadores de diferentes partes do mundo que se fixaram nas áreas residenciais junto às docas. Muitos deles constituíram família com mulheres galesas e deram origem a comunidades de características marcadamente multi-étnicas e de grande diversidade cultural, das quais se distingue a comunidade de Butetown, comumente apelidada nos média britânicos de Tiger Bay, designação de pendor pejorativo e sensacionalista. No entanto, no período subsequente à 2.ª Guerra Mundial, a área das docas e do porto sofreu um processo intenso de desindustrialização que acabou por conduzir à revitalização da frente ribeirinha de Cardiff e levar ao desmembramento e dispersão desta e de outras comunidades.

Cardiff tem, no entanto, continuado a acolher diversos grupos de imigrantes que, movidos pelas mais diversas razões, elegem a capital galesa como seu local de residência. Esta apresentação procurará, pois, partindo de alguns projectos fotográficos desenvolvidos por vários fotógrafos amadores e profissionais que espelham a multi-ethnicidade presente em Cardiff, questionar o modo como a identidade dos imigrantes representados se (trans)forma e articula com a sua vivência em Cardiff e como as suas memórias individuais auxiliam no processo de formação de uma memória colectiva e da identidade cultural desta cidade.

Ana Gonçalves é docente de Língua e Cultura Inglesa na Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril (ESHTE) desde 2004. Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas, variante de estudos Franceses e Ingleses, concluiu o seu mestrado em Estudos Anglísticos em 2006, com uma dissertação intitulada “Up the Bay, Down the Docks: A Cultural Analysis of Street Life Representations in Butetown/Tiger Bay”, onde procurou analisar representações textuais e visuais de Butetown, uma comunidade marcadamente multi-étnica existente nas antigas docas Cardiff, País de Gales, antes de estas serem sujeitas a um intenso processo de revitalização. Presentemente, é doutoranda do programa de Estudos de Literatura e Cultura da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (em parceria com a Cardiff School of Creative and Cultural Industries, com vista à obtenção do título de Doutoramento Europeu) e a sua investigação prende-se com a transformação sócio-cultural evidenciada em Cardiff nas últimas décadas. Tem apresentado diversas comunicações em conferências internacionais e publicado artigos sobre temas relacionados com a cidade de Cardiff, sendo que os seus principais interesses de investigação incluem os estudos culturais, os estudos urbanos, os estudos visuais, o turismo, a memória, a identidade, e o ensino das línguas para fins específicos.

Cristina Novo (Lab. Multimédia, Teatro da Trindade)
“Popular ID: Identidade visual popular portuguesa em remediação hipermédia”

Popular ID é uma aplicação hipermédia original que resultou do levantamento de elementos gráficos presentes em diferentes manifestações artísticas e materiais da arte popular portuguesa. Ao realçar a arte popular como uma prática criativa e não uma realidade estanque, demarca uma criação de estereótipos relacionados com o universo da etnografia e com a imutabilidade da tradição. O material produzido constitui uma base de dados visual e interactiva onde as formas tradicionais de expressão artística estão disponíveis através de um reajustamento gráfico que as torne permeáveis às tendências estéticas e comunicacionais actuais, facilitando a sua disseminação e consumo por parte do público. Mantendo todas as características reticulares de um ambiente interactivo e inserido nesta nova etapa de virtualização da linguagem e das comunicações promovida pelas tecnologias da informação, este projecto encena uma relação interdisciplinar entre as humanidades e a informática, na busca de um vocabulário comum que abra o conhecimento da nossa tradição em contextos de simulação. Para isso, recorre-se ao algoritmo e à remediação, através da transposição de elementos gráficos presentes em média antigos para o computador - que promove na sua essência a convergência de todos os média. Popular ID acarreta uma linguagem visual com dimensão histórica que, através do lúdico, acrescenta uma nova dimensão recreativa aos elementos gráficos presentes na arte popular portuguesa, recombina-os e recria-os.

O protótipo de Popular ID está disponível em: http://www.disturbnot.com/lab/popular_id e registado no IGAC - Inspeção geral das actividades culturais, com o número de registo: 3409/2009, processo nº: 3317/2009.

Cristina Novo é Mestre em Ciências da Comunicação com especialidade em Comunicação e Artes pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (2010) e licenciada em Novas Tecnologias da Comunicação pela Universidade de Aveiro. É, desde 1997, a responsável pelo Laboratório Multimédia do Teatro da Trindade, onde exerce as funções de Designer Gráfico. Como formação complementar destaca a frequência do curso de Design de Moda no IADE, Instituto Superior de Arte e Design e do Programa Gráfico no Instituto de Arte "Lorenzo di Medici" em Florença. Estas valências permitiram-lhe a realização de vários trabalhos como figurinista para espectáculos do GRETUA (Grupo Experimental de Teatro da Universidade de Aveiro), e da Efémoro Companhia de Teatro de Aveiro. Também, no Teatro da Trindade, desenvolve, ocasionalmente, trabalho criativo como Figurinista.

Lígia Ferro (CIES, ISCTE, IUL)

"Práticas de rua e cultura visual urbana: o graffiti e o parkour em distintos contextos"

Lígia Ferro é licenciada em Sociologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, actualmente é doutoranda no âmbito do Programa Internacional de Doutoramento em Antropologia Urbana (PRODAU/ISCTE), desenvolvendo a sua tese sobre práticas culturais de rua em contextos urbanos como bolsreira da Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Realiza investigação no Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES-ISCTE) e no Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (IS-FLUP). Foi professora convidada do "Curso de Especialização em Intervenções Artísticas em Espaços Públicos e Produção de Obras Site Specific" (Universidade Lusófona do Porto) e é membro da organização da "International Conference of Young Urban Researchers" (ICYUrb).

Vanessa Besand (Centre Pluridisciplinaire Textes et Cultures, Univ. Bourgogne)

"Héritage de la culture visuelle urbaine dans la peinture américaine des années 80: graffiti et art muséal"

Dans les années quatre-vingts aux États-Unis, des peintres de talent choisissent de s'inspirer de l'art populaire urbain et de créer une connexion entre l'art contemporain et le graffiti. Jean-Michel Basquiat, Keith Haring, Kenny Scharf, pour ne citer que les plus renommés, donnent ainsi à la peinture une nouvelle orientation et jouent à merveille du mélange des styles et des influences dans un esprit contre-culturel. À travers des œuvres à la fois populaires et contestataires, ils parviennent à conférer à l'art du tag une réelle légitimité¹. C'est cette pratique picturale spécifique que nous aimerions étudier en détail lors de cette communication : ses manifestations esthétiques, ses héritages artistiques issus de la culture à la fois savante et populaire, ses enjeux sociaux et idéologiques.

Mais au-delà de l'appropriation d'une forme de street-art par ces artistes rapidement reconnus par la culture savante (la fameuse high culture) et aujourd'hui inscrits dans le panthéon de la peinture américaine du XX^{ème} siècle, nous voudrions aussi analyser la manière dont culture populaire et culture d'élite, culture de rue et culture muséale sont dans ce cas précis parvenues à fusionner et en quoi les conditions sociales, politiques et culturelles des États-Unis à la même époque ont particulièrement permis l'épanouissement de ces artistes, ainsi que leur reconnaissance par le grand public comme par les esthètes avisés ou les spécialistes de l'art. La conception de la culture aux États-Unis, à laquelle s'est ajouté un tournant dans la politique culturelle fédérale sous la présidence de Jimmy Carter², permet en

¹Nous pensons à la fameuse signature de Basquiat : SAMO, ou un peu plus tard, à celle de Taki 183, du nom même de l'artiste.

² Sous la présidence de Jimmy Carter, le *National Endowment for the Arts* (NEA), agence liée avant tout à la *high culture*, a en effet été réinfléchi vers la culture populaire, Carter souhaitant éliminer l'attitude trop élitiste du NEA. C'est Joan Mondale, femme du vice-président mais véritable *first lady* en matière de politique culturelle et artistique, qui chercha la première à casser la frontière entre culture d'élite et culture populaire en prenant en compte le *folk art*. La volonté de toute l'administration Carter fut donc de lutter contre l'élitisme *WASP* en ouvrant les arts et les lettres aux classes populaires et aux minorités. Carter remit ainsi en question ce qui primait depuis Kennedy au niveau gouvernemental : la diffusion d'une certaine excellence artistique. Pour la première fois, le pouvoir américain prit au sérieux l'art mural, le hip-hop, le rap, les *poetry groups* ou les graffitis, qui entrèrent alors dans la culture fédérale officielle.

effet selon nous de rendre compte en partie de cette fusion entre art populaire urbain et art élitiste, mais aussi et surtout de l'accueil enthousiaste de cette fusion par le monde de l'art.

Vanessa Besand: Agrégée de lettres modernes depuis 2005. Docteur en Littérature Comparée (thèse soutenue en décembre 2009 à l'Université de Bourgogne avec la mention très honorable et les félicitations du jury à l'unanimité), avec la thèse "Discours théoriques et fictions narratives : France / États-Unis (des années 1920 à nos jours)". Situation actuelle: ATER (Attaché Temporaire Enseignement Recherche) à temps complet en littérature comparée à l'Université de Bourgogne. Domaines de recherche: fiction romanesque des XXème et XXIème siècles, mais aussi cinéma et peinture (domaine français et américain). Théories de la fiction (modernisme / postmodernisme ; critères définitoires du postmodernisme ; place du récit et de la narration dans l'art postmoderne ; étude du réalisme magique et de son lien avec le postmodernisme). Transferts culturels (échanges théoriques et culturels entre la France et les États-Unis). Cultural studies (critères définitoires, réflexion sur les différents niveaux de culture [high et low culture], sur la place de la culture populaire dans les arts, sur les différences entre culture populaire et culture de masse et sur les médias).

Alain Chenevez (Cimeos, Univ. Bourgogne)

"Le patrimoine et l'art contemporain comme outils politiques de qualification des territoires urbains"

- L'urbain contemporain est un espace social qui se ségrège
- Le patrimoine : un programme de qualification inégalitaire
- L'art contemporain dans l'espace public
- La culture privilégie certains espaces et groupes sociaux
- La fabrication de totem bienveillant dans l'urbain aujourd'hui
- L'exemple du Musée Urbain Tony Garnier
- Le processus de création contemporaine du programme 8ème Art.
- Réenchanter la ville susciter du lien, transformer le quotidien
- Comment favoriser la ville durable.

Alain Chenevez: Docteur en sociologie. Ancien directeur du Musée Urbain Tony Garnier de 2003 à 2008 (Lyon, 8ème). Maître de conférences en science de l'information et de la communication à l'Université de Bourgogne, responsable du Master 2 Ingénierie des métiers de la Culture, responsable de l'axe 2 du laboratoire Ciméos (Culture, patrimoine). Mes travaux interrogent la production patrimoniale, ses évolutions, le rapport au passé et aux mémoires et son rôle dans la fabrication de l'urbain contemporain.

Quelques publications ou films

Ouvrage: Alain CHENEVEZ. « La saline d'Arc-et-Senans : De l'industrie à l'utopie », Préface De Michel Verret, Paris, Ed. L'harmattan, Coll. Logiques Sociales, juin 2006 ; Alain CHENEVEZ. La demande sociale de patrimoine, In Patrimoine culturel et collectivités territoriales, sous la direction de Patrick Le Louarn, PUR, Rennes, 2010 ; Alain CHENEVEZ. La Città Tony Garnier (Lione, Francia) : la fabbricazione di una Città culturale, In Le Laives d'Europa : quale sviluppo attraverso la cultura ?, a cura di Giorgio Tavano Blessi, Meltemi editore, Roma, 2006; Alain CHENEVEZ. « 16 portraits » In ouvrage collectif A la recherche de la cité idéale, sous la direction de Lorette Coen et de l'Institut Claude-Nicolas Ledoux, Edipress Imprimeries Réunies/Lausanne S.A., 2000 ; Alain CHENEVEZ, Arts, culture et développement des territoires urbains : une instrumentalisation contemporaine ?, In l'Art, le territoire, Art, espace public, urbain, Tome2, Sous la direction de Veduta, ED. Certu, Lyon, 2010 ; Alain CHENEVEZ. La saline royale d'Arc-et-Senans : un patrimoine sans mémoire, In Terrain [Cahier 24, Les monuments sont habités, 2010] ; Alain CHENEVEZ. From Tony Garnier to the Urban Museum : the birth of a cultural housing project, In Muséum International, The Site Muséum N° 223, Unesco, Paris, 2006.

Filmographie : Alain CHENEVEZ. Réalisateur de la série « Cités culturelles », épisode 1 – L'expérience du Musée Urbain Tony Garnier. © Musée Gadagne (Ville de Lyon) et Musée Urbain Tony Garnier, janvier 2005 ; Alain CHENEVEZ. Réalisateur de la série « Cités culturelles », épisode 2 - Gerland : métamorphoses d'une Cité industrielle, les Ecoles Normales Supérieures © Musée Gadagne (Ville de Lyon) et Musée Urbain Tony Garnier, mars 2008 ; Alain CHENEVEZ. Réalisateur de la série « Cités culturelles », épisode 3 – Gerland : la fin des ouvriers © Musée Gadagne (Ville de Lyon) et Musée Urbain Tony Garnier, novembre 2008 ; Alain CHENEVEZ. Réalisateur de la série

Pedro Andrade (CECL, FCSH)

“Artes públicas, legitimidades e marginalidades: modos e modas de intervenção no espaço urbano”

As artes constituem um modo, mas também cada vez mais uma moda, de intervenção no espaço da urbe, em particular através da arte pública. De facto, cada vez mais se faz arte pública para intervir não apenas em termos de cidadania política, mas, para além disso, participar no quadro da cidadania cultural. E essa mobilização é empreendida tanto pelos poderes legitimados quanto pelas diversas marginalidades urbanas. Existe, assim, uma arte pública legítima e uma arte pública marginal.

Quando se pretende reflectir sobre esta realidade, por exemplo no campo das Ciências Sociais, as artes fornecem não apenas objectos de estudos, mas igualmente conceitos, métodos e outros instrumentos de pesquisa.

Na confluência das artes e da Ciência, a literatura, e a literatura visual em particular, constitui um dispositivo artístico que testemunha e esclarece realidades sociais e culturais, de um modo por vezes surpreendente. Assim sendo, pode constituir um método fiável para reflectir sobre a sociedade em geral, acerca das estruturas sociais como a cultura, a comunicação e a informação, ou no que toca as práticas e os agentes sócio-culturais significativos.

Por exemplo, os espaços sociais, os tempos sociais e os significados sociais são alguns dos elementos que podem elucidar como a sociedade funciona. Nesta perspectiva, por exemplo através de uma novela em hipermédia (ou, mais precisamente, construída numa fusão de media que nomeámos hibrimédia), as estruturas e as práticas sociais pode ser activadas, no seio dos seus contextos espacial e temporal onde o significado circula, por pessoas comuns agindo, de alguma forma, como personagens da novela.

Para ilustrar estas ideias, apresentaremos uma Novela Visual para fazer Sociologia Visual, através de imagens urbanas, como os graffiti e os stencils, os monumentos, ou os próprios cidadãos culturais. Assim sendo, esta novela, para além dos seus desígnios artísticos, pretende igualmente servir enquanto dispositivo de hermenêutica sociológica, ou seja, uma espécie de método digital de entendimento singular dos mundos sociais ‘reais’, bem como dos mundos virtuais em 3D ou metaversos.

Pedro Andrade, sociólogo, investigador do Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens (CECL) da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (Universidade Nova de Lisboa). Doutor em Sociologia da Cultura pela FCSH-UNL, Mestrado (Doctorat de 3ème cycle) obtido na École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris. Investigador do Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens, CECL, FCSH-UNL. Desde 2007, coordena o projecto de investigação “Comunicação Pública da Arte: o caso dos museus de arte locais/globais”, apoiado pela FCT. De 2000 a 2005, coordenou o Projecto “Literacia Científico-Tecnológica e Opinião Pública: o caso dos Museus de Ciência”. Membro do Conselho Editorial da “Revista de Comunicação e Linguagens” do CECL. Membro do Comité de Rédaction da revista LORETO, do Ministère de la Culture e Université Libre de Bruxelles. Director da revista Atalaia. Tem realizado trabalhos e eventos no cinema, artes visuais e digitais e ciberespaço/cibertempo. São disso exemplo, as performances interactivas e electrónicas: Film Saboté Spatial no 1’, 1975, ‘Body Cinema’, 1976, etc., apresentados no Centre Pompidou, Paris, Institute of Contemporary Arts, Londres, etc.; artes digitais (pinturas no computador) desde 1985; obras intermédias: participação no primeiro CD multimédia cultural em Portugal, Ed. Aula do Risco, 1995; obras e eventos na internet, por exemplo, o primeiro site publicado em Portugal com um projecto cultural explícito (revista digital ‘Atalaia’, no PUUG, UNL, 1995, que incluiu o primeiro ‘ciberquestionário’ sociológico português em 1996); Intervenções recentes em transmídia: blogue híbrido experimental ‘Hybrilog’ em 2005-6; literatura virtual ‘GeoNovela’, 2009; hipermétodos nas Ciências Sociais ‘Questionário Multi-toque’ e ‘Jogo das Tricotomias’, 2010. Organização de diversos congressos e curadoria de eventos culturais, nacionais e internacionais. Coordenou o livro Arte Pública e Cidadania: novas leituras da cidade criativa (Caleidoscópio, 2010).

Sílvia Câmara (Património Cultural da CML)
“Breves notas para uma metodologia de inventariação em arte urbana”

No âmbito da estratégia gizada pelo Departamento de Património Cultural logo após a integração da GAU – Galeria de Arte Urbana sob a tutela deste serviço da Câmara Municipal de Lisboa, ocorrida em Janeiro de 2009, apontou-se como uma das suas prioridades de actuação, a inventariação de registos de graffiti e de street art, no sentido da sua disponibilização a todos os interessados. O objectivo enquadra-se numa das principais vertentes do perfil funcional do Departamento, que visa o levantamento, registo, sistematização e divulgação do património artístico e cultural de Lisboa, no sentido da preservação da sua memória enquanto legado a difundir junto das gerações vindouras. Há muito que tal tarefa vinha sendo cumprida em relação a bens que disciplinarmente se inserem nesse quadro, desenvolvida de acordo com as convenções de salvaguarda e os princípios das boas práticas sedimentadas para a inventariação de acervos museais e de elementos escultóricos, azulejares, arquitectónicos, entre outros, pertencentes à esfera pública. Ainda que incorporado nesse universo, o domínio da arte urbana colocou, ao nível da sua inventariação, um conjunto de questões nunca anteriormente ponderadas em relação aos bens patrimoniais anteriormente levantados, não se encontrando disponíveis informações em quaisquer fontes sobre os melhores procedimentos a adoptar, que pudessem fundamentar as decisões a tomar. À luz da experiência adquirida no que concerne a outros registos, tratou-se antes de mais, de analisar conceptualmente os atributos estéticos, de ponderar a historiografia da sua eclosão e disseminação pela cidade, de reflectir sobre os comportamentos da comunidade artística envolvida nas práticas do graffiti e da street art, para na sequência, traçar um processo totalmente distinto de levantamento, registo e organização dos dados obtidos. A conjugação da sua efemeridade, da sua localização e profusão por vezes serial, da evolução dos seus suportes e técnicas nas diferentes gerações de autores envolvidos, bem como da rotina de registo fotográfico das suas e das peças de outros, entre muitos outros aspectos, resultaram numa particular metodologia de inventariação adoptada pelo Departamento de Património Cultural, cujas opções fundamentais nos propomos debater.

Organização e Apoios



**POLITÉCNICO
DO PORTO**



FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR